

A apropriação do gênero item por docentes: uma abordagem lexical

The appropriation of the item genre by teachers: a lexical approach

Bruno de Assis Freire de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
bruno.lima@ifmg.edu.br

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é reiterar a importância de os docentes se apropriarem do item, gênero do discurso prototipicamente avaliativo. Para tanto, discute-se a configuração lexical de itens usados nas provas do Enem desde sua primeira edição, em 1998, até sua edição mais recente, de 2018. São consideradas três categorias de classificação do léxico: a) estruturas linguísticas da “língua comum”; b) estruturas linguísticas de especialidade e c) estruturas linguísticas de gênero. As discussões aqui levantadas estão de acordo com os estudos das linguagens especializadas (HOFFMANN, 1988; TUTIN, 2007; KILIAN e LOGUERCIO, 2015). Os itens foram processados com o auxílio do *AntConc*, um software destinado à análise eletrônica do léxico em textos. Os resultados mostram que, além de outras características formais que fazem do item um produto educacional especializado (e que, portanto, requer conhecimento técnico para sua elaboração), o léxico também se constitui como parte integradora desses conhecimentos especializados, fazendo parte do rol de conhecimentos necessários para que professores sejam capazes de promover avaliações mais consistentes e em consonância com o que muitas escolas perseguem: o êxito de seus alunos em avaliações de larga escala, como o próprio Enem. Essa conclusão é possível graças à delimitação da classe de estruturas linguísticas de gênero, ou seja, pela comprovação de que no item existem estruturas linguísticas que são específicas da constituição desse gênero do discurso. É requisito básico de professores (e avaliadores) conhecer essas estruturas, para aplicá-las de modo eficaz na elaboração de provas, testes e demais exames.

Palavras-chave: Avaliação. Léxico. Terminologia.

Abstract

The main objective of this paper is to reiterate the importance of teachers using the item, discourse gender prototypically evaluative. Consequently, it is taken into consideration the lexical configuration of the items which have been used in Enem's exam since its first edition, in 1998, until its latest edition, in 2018. Three categories of lexical classification have been taken under consideration: a) “everyday language” linguistics structures; b) expertise linguistics structures and c) linguistics gender structures. The ideas exposed here are all according to the studies of the expertise languages (HOFFMANN, 1988; TUTIN, 2007; KILIAN e

LOGUERCIO, 2015). The items have been processed with the help of AntConc, a software specially designed to electronically analyse lexicon in texts. The results show that, besides other formal features that make the item an expertise educational tool (and that, therefore, needs technical knowledge to its elaboration), the lexicon is also part of these expertise knowledge, being a crucial part of the teachers' required knowledge to enable them to make more consistent evaluations according to what most schools pursue: its students success in countrywide exams, like Enem itself. Such conclusion is possible due to the delimited linguistics' gender structures, that is, by the proving of the existence of linguistics structures which are specific to the making of these discourse gender. It is a basic requirement that teachers (and examiners) know these structures, so that they can, efficiently, use them in their tests and exams.

Key words: Evaluation. Lexicon. Terminology.

Introdução

Embora seja constantemente tomado como sinônimo de “questão de prova” em contexto educacional, existem diferentes razões para tomarmos o “item” como termo distinto de “questão”. Independentemente da terminologia adotada, o convívio com o item nas escolas tem se dado por diferentes frentes: seja em avaliações institucionalizadas, nos diferentes exames externos a que são submetidos os estudantes ou seja na prática de exercícios preparatórios para esses exames. No Brasil, atualmente, o olhar das escolas em termos de avaliações e exames externos tem se voltado principalmente para o Enem. Há uma espécie de concorrência velada (ou não) entre as escolas para garantirem melhores resultados, por conseguinte, melhores colocações em *rankings*, gerando propagandas, e por extensão, maiores visibilidades, lucros e competitividades.

Moretto (2014) é sábio ao dizer que a prova deve ser um momento de aprendizado, não um acerto de contas entre professor e aluno. O autor confronta as perspectivas de avaliação como ação de aprendizado, com a perspectiva de avaliação como autoritarismo. Ao lado dessa concepção de avaliação como tortura, há todo um histórico pautado em um ensino de exclusão em que apenas os mais bem avaliados tinham (ou têm) condições e oportunidades de prosseguirem em níveis mais avançados de estudos. Em um contexto de “educação para todos”, o quadro se altera, embora muitas práticas de avaliação persistam nesse cenário em que o professor é o todo poderoso, capaz de usar a avaliação como método de inibir ou constranger seus alunos. Mesmo com essa concepção tradicional, ultrapassada e mesquinha de avaliação, tem sido quase consenso entre as escolas de que é necessário oportunizar os estudantes a prosseguirem em sua formação em nível superior. Isso se faz, principalmente, por meio da realização do Enem. A prova do Enem se constitui, necessariamente, por meio de itens, que correspondem a cada uma das unidades avaliativas que compõe a prova.

Ao folhear apostilas e livros didáticos das mais diferentes áreas do conhecimento escolar, normalmente nos deparamos com diferentes exercícios compostos por

“questões” extraídas do Enem. Muitas escolas promovem exames simulados formados por “questões” de exames anteriores, ou mesmo por “questões” elaboradas pelo próprio corpo docente. Muitas delas, sem o menor rigor técnico, o que pode levar o aluno ao “acerto ao acaso”, mascarando realidades e criando a ilusão de um resultado que não condiz com o real aprendizado desse público. Salvo raríssimos casos, os docentes não possuem conhecimento técnico especializado, a ponto de dominar a estrutura desse produto educacional denominado item. Avaliações construídas sem esses princípios técnicos são frágeis, de modo que essas “questões” não formam um todo coerente com o que se espera de um exame como o Enem.

Antes de prosseguir com a proposta deste texto, é relevante apontar algumas diferenças entre “questão” e “item”. Tomando como base os estudos de Bakhtin (2003) sobre os gêneros do discurso, é lícito dizer que estamos diante de dois gêneros discursivos distintos. Ambos cumprem uma função comunicativa, e são compostos pelos três elementos essenciais aos gêneros: possuem conteúdo temático, forma composicional e estilo. Quanto à forma composicional, a questão encerra uma pergunta, uma interrogação. Etimologicamente, esse gênero entra para o ensino em tempos bastante remotos, quando a educação aristotélica começava a se firmar. O mestre elaborava questões, predominantemente orais. Por meio delas, durante o encontro com os aprendizes, estimulava o pensamento e o raciocínio, ou seja, a questão, no contexto escolar, não nasce com o propósito avaliativo, como apontam Piletti e Piletti (2012), mas nascem para estimular a curiosidade, a construção do saber e o próprio aprendizado.

Isso não quer dizer que não tenha havido práticas avaliativas até a institucionalização da avaliação como área de conhecimento especializado. Pelo contrário: esses mesmos autores mostram que, em tribos muito remotas, os jovens eram submetidos a exames que avaliavam seus conhecimentos sobre tradições ancestrais e mesmo sobre seus dotes físicos como guerreiros. Só era considerado adulto o jovem que tivesse êxito nesses exames. Existem registros de que já em 1.200 a.C., os chineses promoviam concursos públicos por meio de exames para selecionar agentes de cargos de alta patente. Da mesma forma, universidades medievais submetiam os futuros bacharéis a exames orais, diante de uma banca que muitas vezes fazia perguntas embaraçosas, capazes de causar constrangimentos no aspirante a bacharel. Já era a face torturadora da avaliação dando suas caras...

Quanto ao item, ele surge apenas durante o século XIX, com o interesse do homem em medir os componentes psicológicos. Dentre esses componentes, estão a atenção, a noção espacial, as habilidades cognitivas, dentre outras. A aprendizagem é apenas mais um desses componentes, de modo que é coerente dizer que a questão nasce em contexto educacional; o item, ao contrário, não. Ele é resultado do interesse da Psicologia com a Estatística, em área denominada Psicometria, que confere *status* de cientificidade à avaliação. A avaliação, portanto, não é uma criação da educação, de modo que podemos pensar em avaliação psicotécnica, avaliação de recursos humanos, avaliação de gestão, avaliação da aprendizagem e assim por diante. Assim, o item surge em contexto especializado, na Psicometria, é resultado de saberes técnicos específicos, como mostram inúmeros manuais de avaliação, inclusive os

divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP). Em cada área em que é aplicado, o item assume formas determinadas, mediadas pelas idiossincrasias dessas áreas. Em educação, o item tem fortes traços textuais, sendo composto majoritariamente pela linguagem verbal escrita.

Como objeto textual, os itens são compostos por unidades lexicais com determinadas características, conforme mostrado ao longo deste texto. Basicamente, há três categorias lexicais. Uma delas, comum a todos os textos da língua. É o chamado “léxico de língua geral”, composto por palavras gramaticais, como as preposições, por exemplo. Ao lado do léxico geral, há também o “léxico de especialidade” que, nos itens, está relacionado à terminologia das áreas de conhecimento escolar (física, matemática, história, etc.). Finalmente, há “estruturas linguísticas de gênero”, formadas por estruturas linguísticas usadas na caracterização dos diferentes tipos de item. Essas estruturas “passeiam” nos itens de quaisquer áreas do conhecimento, pois são típicas do gênero item, mas não das especialidades escolares avaliadas.

Para mostrar essa configuração lexical na constituição dos itens, são usadas provas do Enem referentes a duas décadas do exame (1998-2018). Essa configuração lexical poderia ser apontada em itens de quaisquer avaliações, pois entre eles sempre haverá algo em comum: uma Linguagem Especializada, com características similares. A opção pelos itens do Enem se deve, principalmente, à abrangência do exame, aplicado em todo território nacional. Além disso, esses itens são de fácil acesso – pelo menos os que foram utilizados nas provas passadas, que caem em domínio público. Existe um “princípio de sigilo”, segundo o qual os itens não podem ser acessados ao bel prazer de qualquer pessoa, mas, uma vez divulgados em edições anteriores, os itens se tornam objetos públicos, dado o direito de o estudante “levar a prova para casa”. Além disso, as provas estão disponíveis na internet, inclusive na própria página do INEP, o que permite o acesso a esses itens. É importante ressaltar que poderiam ser abordados outros princípios da linguagem técnica, sendo o léxico apenas uma possibilidade de abordagem. O léxico foi escolhido como objeto de análise dada a sua pouca (ou nenhuma) lembrança nos manuais de elaboração de itens a que se tem acesso.

O objetivo aqui é mostrar que a natureza do léxico nos itens constitui conhecimento especializado. Assim, o docente precisa ter consciência dessas peculiaridades, dado que o léxico corresponde a unidades linguísticas básicas na constituição desse gênero de especialidade. Seguindo as orientações de Hoffmann (1988); Tutin (2007) e Kilian e Loguercio (2015), são apontadas três as categorias lexicais, a saber: a) léxico da língua geral; b) léxico de especialidade e c) estruturas linguísticas de gênero. Essa última denominação é destinada às unidades lexicais e às fraseológicas, que servem para compor um gênero de especialidade. Aponta-se que Uma unidade lexical corresponde a uma única estrutura linguística. Uma unidade fraseológica corresponde a um conjunto de estruturas linguísticas que ocorre de modo mais ou menos fixo. Ainda não há consenso na literatura especializada sobre uma terminologia que englobe esses conceitos, por isso se adota a nomenclatura “estruturas linguísticas de gênero”. Hoffmann chama de “léxico do discurso científico”, já Tutin chama de “léxico de gênero”, enquanto Kilian e Loguercio reconhecem as

“fraseologias de gênero”, todas elas relativas à essa terceira categoria, caracterizadora de textos e gêneros de especialidade, mas não da especialidade propriamente dita.

Para mostrar essas três categorias lexicais, foram usados itens das duas décadas de edições do Enem, analisados com o auxílio do *AntConc*, um *software* de processamento lexical largamente utilizados em trabalhos dessa natureza. Foram investigadas as ocorrências de estruturas linguísticas tradicionalmente encontradas em itens, como “assinale”, “alternativa”, “opção”, “indique”, dentre outras, em oposição ao léxico da língua geral e ao léxico de especialidade. Os resultados reiteram que o item é um produto educacional que requer conhecimento especializado. Mais que isso, os resultados reiteram a importância de os docentes se apropriarem dessas técnicas para que as avaliações sejam mais consistentes, inclusive aquelas que são promovidas internamente, dentro das práticas avaliativas realizadas pelas próprias escolas.

O Item como texto e como gênero de especialidade

O conceito de texto de especialidade (HOFFMANN, 1988) foi criado para designar textos típicos de uma área de especialidade. Ao lado desse conceito, surge também o de “gênero de especialidade”, compreendido como os gêneros do discurso criados para atenderem às demandas comunicativas de grupos especializados. Esses conceitos estão alocados nos domínios dos estudos das Linguagens Especializadas, e compreendem ponto de partida para a compreensão dos mecanismos de funcionamento da comunicação especializada. Quanto ao item, ele surge logo após o movimento da Revolução Industrial. No século XVIII, com o crescimento econômico e o desenvolvimento do capitalismo, o homem começou a se preocupar com meios objetivos para seleção de operários para as indústrias. Houve, nesse momento, uma resignificação dos modos de viver e se relacionar em sociedade, o que incluía, também, as formas de exames de seleção.

Nesse novo contexto, surge a Psicometria, área de intersecção entre Psicologia e Estatística, cujo objetivo era a busca pela quantificação dos componentes mentais do homem, o que reitera o pensamento positivista da época. A avaliação se instaura como área de conhecimento. Assim, o que ocorre no século XVIII não é a invenção de testes e exames, mas a sistematização, a cientificação de uma prática que remonta há tempos bastante antigos: surge o item, unidade capaz de manifestar concretamente as condições psicológicas de um indivíduo. Quando uma pessoa se submete a um exame psicotécnico, por exemplo, ela é exposta a uma série de itens, formados muitas vezes por imagens e figuras que devem ser relacionadas por meio de uma lógica específica. Anastasi (1908) aponta Esquirol (1838) como um dos pioneiros no desenvolvimento de testes padronizados, cujo objetivo era distinguir débeis de doentes mentais. De acordo com a autora, Esquirol tentou vários mecanismos de classificação, mas concluiu que o critério mais seguro é a determinação do grau de desenvolvimento da linguagem. Com base nisso, Esquirol distinguia “*dois graus de imbecilidade e três graus de idiotice*” (p.6). Ao citar Esquirol, Anastasi acrescenta que “*no nível*

mais elevado de imbecilidade a linguagem é empregada pronta e facilmente; no grau mais baixo de imbecilidade a linguagem é mais difícil e o vocabulário mais limitado” (p.6).

Como conclui a autora, os critérios utilizados por Esquirol são, em grande parte, linguísticos, estando muito carregados de conteúdo verbal. Isso posto, é seguro dizer que o item, além de ser um instrumento de medição psicológica, é uma unidade textual. Mais que isso, o item constitui um gênero do discurso de especialidade. Ele nasce para atender a uma demanda de uma área do conhecimento: a avaliação (Psicometria). Um exemplar de item é, portanto, um exemplar de texto de especialidade. Considerados seus aspectos linguísticos, sociais, enunciativos e históricos, o item é um gênero do discurso especializado.

Desde o seu surgimento até os dias atuais, os itens foram se aperfeiçoando. Na educação, a Teoria Clássica do Teste (TCT) vem sendo substituída gradualmente pela Teoria de Resposta ao Item (TRI). Na TCT, ao construir a prova, o que está em jogo é o todo, a própria prova. Em tese, os itens na TCT constituem a prova como um todo coerente, capaz de colaborar para a análise do domínio do conhecimento conteudista. Nessa lógica, quanto mais acertos, maior é o domínio do conhecimento. Quanto à TRI, envolve um conjunto de modelos matemáticos nos quais o item é o elemento central em sua individualidade. Ao contrário da TCT, na TRI, cada item dispõe sobre o domínio de um componente cognitivo, do qual se considera nível de dificuldade, discriminação e probabilidade de acerto ao acaso. Nesses moldes, o item está associado a operações cognitivas, não a conteúdos propriamente ditos.

No final do século XX, sobretudo durante e após a década de 1980, a avaliação, com o modelo da TRI, tornou-se um importante indicador de desenvolvimento social e econômico, como atestam Anderson e Morgan (2008). Esses testes são aplicados nos mais diferentes setores, inclusive na educação. Esses resultados servem para auxiliar na gestão nas mais diferentes escalas. Surgem bancos de itens ao redor do mundo, balizados por configurações técnicas capazes de tornar o item um instrumento cada vez mais objetivo de medição. Essas configurações técnicas são diretamente observáveis por meio das estruturas (sejam elas linguísticas ou não) utilizadas nos itens. Dentre essas especificações, diferentes manuais apontam, por exemplo, o paralelismo gramatical entre as opções de resposta de itens de múltipla escolha. Como exemplo, estará fragilizado o item que apresentar quatro alternativas de resposta no singular e apenas uma no plural. Nesse caso, houve quebra de paralelismo, de modo que o avaliando, diante de um item como esse, pode ser levado a indicar a alternativa destoante como resposta correta.

Isso quer dizer que, para elaborar um item, não bastam os conhecimentos das áreas de conhecimento escolar. Um professor de geografia, com alto grau de formação, com larga experiência em docência pode não ser um bom avaliador. Pode não saber elaborar itens tecnicamente adequados. Elaborar um item pressupõe, pois, conhecimento técnico que vai além da área de formação tradicional dos docentes. Esse conhecimento técnico recai também na terminologia utilizada para designar cada uma das partes que compõem o item em educação. Por exemplo, convencionou-se denominar de “Texto de suporte”

o texto, a frase, a imagem, a gravura, o gráfico etc. utilizados como base para a elaboração/resolução da situação-problema apresentada no item. O mesmo se diga para os distratores, terminologia usada para indicar as alternativas de resposta que não são corretas, dentre outras.

Os cursos de licenciatura, via de regra, discutem teorias de avaliação, geralmente dicotomizando entre avaliação quantitativa e avaliação qualitativa. Como aponta Castro (2011), as discussões estão longe de aprofundarem nos instrumentos avaliativos. Teoricamente, qualquer gênero do discurso pode ser usado em avaliações escolares. Cartas, relatórios, resenhas, seminários, resumos, charges, etc. etc. etc. podem subsidiar práticas de avaliação. Curiosamente, o item, gênero avaliativo “por excelência” não tem encontrado o espaço devido na formação de professores, motivo que justifica todas as discussões aqui apresentadas. Isso posto, na próxima seção são apresentados os aspectos lexicais da composição dos itens.

Composição de textos e gêneros de especialidade: aspectos lexicais

Tradicionalmente, o léxico especializado é dividido em duas categorias básicas: o léxico da língua comum e o léxico de especialidade, em especial os termos, reconhecidos como unidades básicas de conhecimento (conceitos) especializados. Hoffmann (1988) preconiza uma terceira via de análise lexical, denominada de “léxico do discurso científico”, ou seja, um conjunto de recursos lexicais comum a todas as ciências. Tutin (2007) reconsidera essa colocação, ao estudar o chamado “léxico de gênero”, que, de acordo com a autora, se constitui por unidades lexicais típicas de determinado gênero. Posicionamento semelhante é adotado por Kilian e Loguercio (2015), que tratam de “fraseologias de gêneros”. Esses autores têm em comum o fato de reconhecerem que os textos e gêneros de especialidade possuem, em sua configuração, recursos linguísticos que são comuns a gêneros de especialidade, independente do conteúdo que carregam ou das especialidades às quais se vinculam.

Um exemplo pode ser visualizado no caso de artigos científicos. Há especialidades relacionadas a esses gêneros, conhecidas como Engenharia Mecânica, Medicina Veterinária, Crítica Literária, etc. Cada artigo dessas áreas será diferente um do outro em relação ao tema que veicula. Isso é perceptível a partir do léxico utilizado nesses textos. Por exemplo, “velocidade”, “graxa”, “motor”, “movimento” são elementos lexicais previsíveis em artigos de Engenharia Mecânica, mas não “animal”, “vísceras”, “reprodução”, “cirurgia”, previsíveis para Medicina Veterinária, e assim por diante. Esses artigos, no entanto, não são compostos apenas por elementos lexicais de especialidade, mas são interligados por outras unidades linguísticas reconhecidas como “da língua geral”, ou seja, recursos que são utilizados em qualquer situação comunicativa. É o caso de preposições, conjunções, determinados verbos, etc., são as chamadas “palavras gramaticais”.

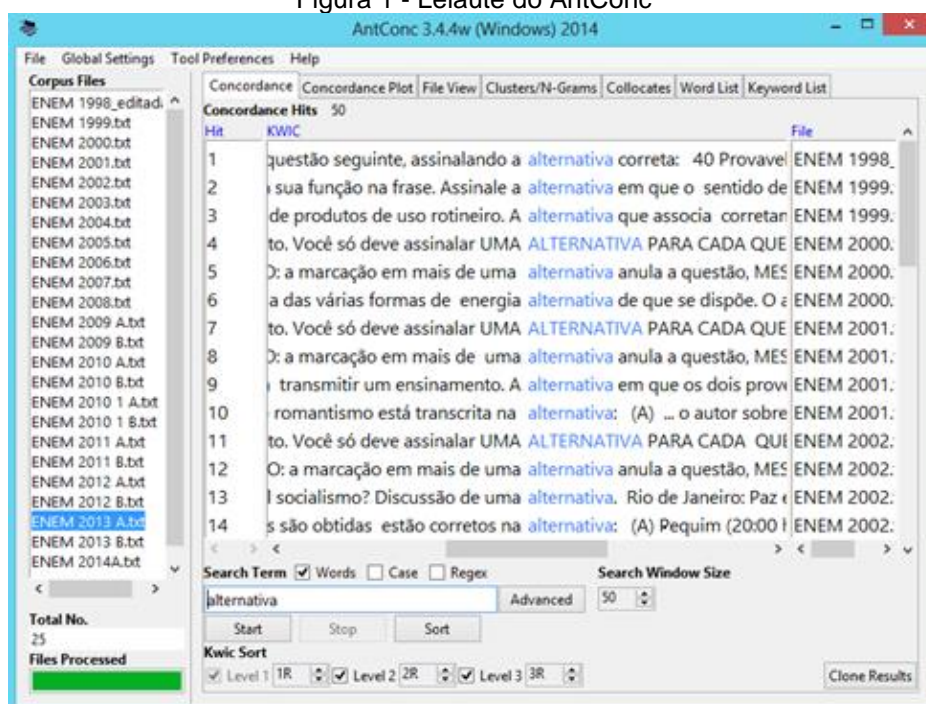
O olhar dos autores citados recai sobre estruturas linguísticas que não pertencem ao léxico geral, tampouco ao léxico especializado. Essas estruturas

são comuns nos textos “artigo científico” de qualquer especialidade. Por exemplo, “objetivo” ou “O objetivo deste artigo é” ou “Esse texto pretende” ou “Os resultados obtidos” ou “Metodologia” etc. são estruturas linguísticas recorrentes nos artigos. Como se nota, não importa a especialidade do texto, essas estruturas estarão presentes, na composição formal desses gêneros. Essas estruturas correspondem ao que se entende por “estrutura linguística de gênero”. Isso posto, na seção seguinte são apresentadas análises da estrutura lexical nos itens do Enem.

Análise da estruturação lexical do item

O *AntConc* é uma ferramenta computacional para análise lexical e eletrônica de textos. Dentre suas funções, está a possibilidade de pesquisar a ocorrência de determinada estrutura lexical, com indicativos sobre o contexto sintático ou frasal em que as estruturas ocorrem. Essa ferramenta permite também quantificar a ocorrência das estruturas linguística de um texto ou grupo de textos. A Figura 1 apresenta o leiaute do *software*, com a exemplificação de pesquisa da unidade “alternativa”:

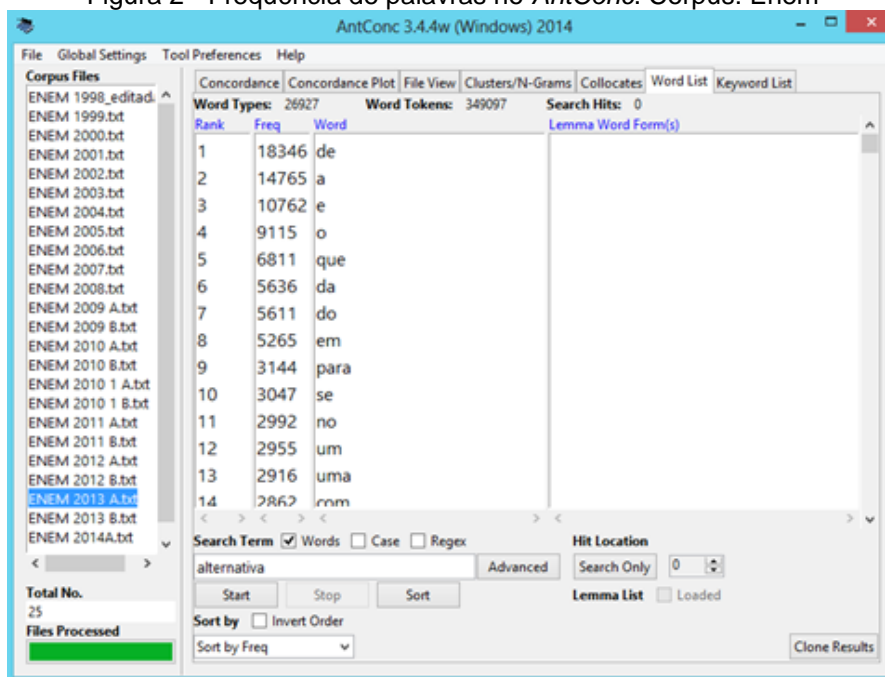
Figura 1 - Leiaute do AntConc



Fonte: Próprio autor (2018)

Em “Search Term” o pesquisador deve inserir a estrutura lexical que deseja investigar. O *software* processa os arquivos de texto, apresentando os resultados sobre a estrutura pesquisada, como ocorreu com “alternativa”, no caso da Figura 1. Caso o espaço “Search Term” seja deixado em branco, o *AntConc* dará o resultado de todas as palavras dos documentos de texto (aba “Word List”). A Figura 2 exemplifica a frequência de ocorrência das palavras que compõem as provas do Enem:

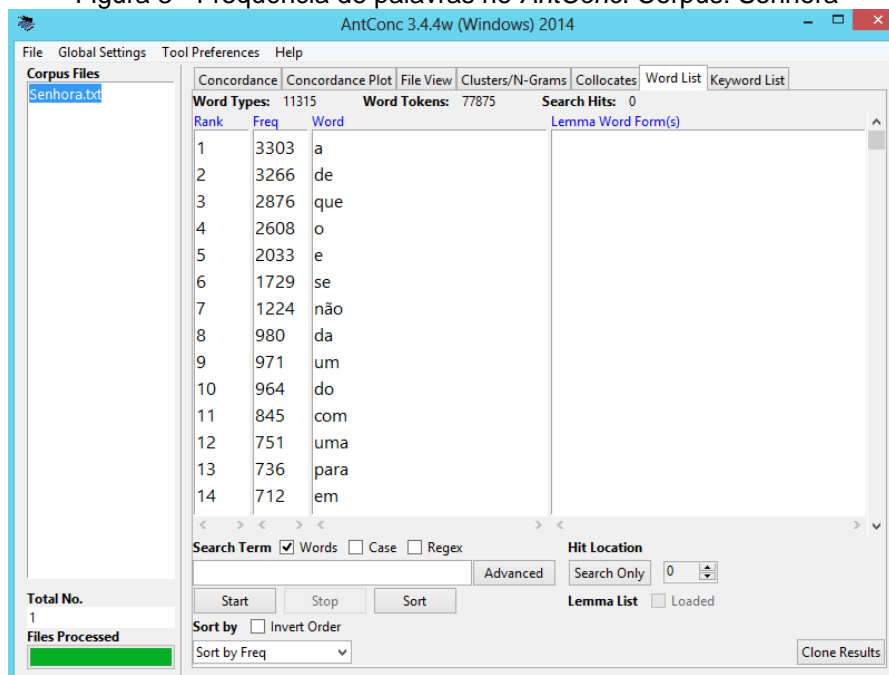
Figura 2 - Frequência de palavras no *AntConc*. Corpus: Enem



Fonte: Próprio autor (2018)

Dentre estruturas linguísticas das provas, “de” é a de maior frequência, com 18346 ocorrências. Todas as estruturas até 14ª ocorrência, são “palavras gramaticais”, como preposições, artigos e conjunções. Resultado semelhante se dá com textos de qualquer especialidade, o que indica que as palavras gramaticais são as de maior frequência / ocorrência em qualquer texto. A Figura 3, abaixo, apresenta resultados com a obra “Senhora”, de José de Alencar, para termos de comparação:

Figura 3 - Frequência de palavras no *AntConc*. Corpus: Senhora



Fonte: Próprio autor (2018)

Os resultados são muito semelhantes ao que se obtém com os dados do Enem, predominando as palavras gramaticais entre aquelas de maior frequência. O enfoque aqui, no entanto, não é a comparação entre grupos de textos distintos, mas a ocorrência de determinadas estruturas nos itens do Enem. Assim, na seção seguinte, são analisados os resultados obtidos entre as palavras que ocupam da primeira à vigésima posição no rank de palavras do Enem.

Léxico da “língua comum”

Processados os itens do Enem, nas provas equivalentes às duas décadas de existência do exame, a função “Word List” do *AntConc* apontou mais de 18 mil ocorrências da preposição “de”, seguida do artigo/preposição “a”, com mais de 14 mil ocorrências. Em seguida, a conjunção “e”, com mais de 10 mil ocorrências. O Quadro 1, abaixo, apresenta as 20 unidades lexicais com maior ocorrência nos itens do Enem:

Quadro 1 - Ocorrência de Palavras Gramaticais no Enem:

Rank	Frequência	Unidade lexical	Classe gramatical
1	18346	de	preposição
2	14765	a	preposição / artigo / *
3	10762	e	conjunção / *
4	9115	o	artigo
5	6811	que	pronome / conjunção
6	5636	da	preposição
7	5611	do	preposição
8	5265	em	preposição
9	3144	para	preposição
10	3047	se	pronome
11	2992	no	preposição
12	2955	um	artigo / numeral
13	2916	uma	artigo / numeral
14	2862	com	preposição
15	2826	é	verbo
16	2745	os	artigo
17	2438	as	artigo
18	2404	na	preposição
19	2383	b	*
20	2346	c	*

Fonte: Próprio autor (2018)

O quadro mostra a predominância de palavras gramaticais, que não exigem conhecimentos especializados para seu emprego e uso. Obviamente exigem conhecimento gramatical, que define, por exemplo, a opção por uma preposição em vez de outra. A observação dessas unidades lexicais não é suficiente para definir nenhum aspecto dos textos de onde elas foram retiradas, como sua temática ou mesmo sua constituição formal / composicional.

No caso de “a”, “b”, “c” e “e” (o mesmo ocorre com “d”, que aparece em 21º no rank, com 2245 ocorrências, são contabilizados como cada uma das letras correspondentes a cada alternativa de resposta de cada item, o que garante sua alta ocorrência.

Léxico “de especialidade”

O *AntConc*, como dito, é um software que permite pesquisar o contexto / ocorrência de qualquer unidade lexical de um texto. Tomando como exemplo as unidades lexicais “célula”, “império”, “molécula” e “município”, constituintes do repertório conceitual da biologia, história, geografia e química, o *AntConc* fornece estes resultados:

Quadro 2 - Ocorrência do léxico de especialidade no Enem

Rank	Frequência	Unidade lexical	Classe lexical
1599	25	célula	Termo da biologia
1548	26	império	Termo da história
1253	32	molécula	Termo da química
1839	22	município	Termo da geografia

Fonte: Próprio autor (2018)

Essas unidades lexicais podem ocorrer em itens de qualquer área de conhecimento escolar, dada a diversidade textual que compõe os itens. Em Linguagens e Códigos, pode, por exemplo, haver um texto-base, como uma reportagem, sobre o uso de células-tronco. Sobre esse texto, pode haver a avaliação de uma habilidade qualquer sobre conhecimento linguístico. No entanto, é de se esperar que sua ocorrência seja predominante na área de Ciências da Natureza, pois é de lá que emana o conceito de celular. O mesmo se diga para molécula, termo que corresponde a um dos objetos de estudo da química e Ciências da Natureza, ou império e município, característicos em história, geografia e Ciências Sociais e Humanas. Os fragmentos abaixo, retirados do *AntConc*, apresentam algumas dessas ocorrências nos itens pesquisados:

a) Ocorrências com a unidade lexical “célula”:

Figura 4 - Concordanciador *AntConc* para a unidade lexical “célula”

1	ou recentemente ter criado uma célula nervosa, a cafeína se parece cor
2	lycoides começou a gerenciar a célula nervosa, a cafeína se parece cor
3	ilas humanas. A imersão de uma célula sintética, uma bactéria chamada
4	le íons Na ⁺ sobre a superfície da célula, produzindo suas proteínas. GIL
5	de íons Na ⁺ para o interior da célula humana em uma solução 0,20 r
6	ração das soluções presentes na célula. B difusão rápida de íons Na ⁺ p
7	. D transferência de íons Na ⁺ da célula. C diminuição da concentração
8	moléculas de água do interior da célula. D transferência de íons Na ⁺ da
9	ração do transgene no núcleo da célula para a solução. E transferência

Fonte: Próprio autor (2018)

Em biologia, célula se define como: “Unidade fundamental dos seres vivos. Todas as células são unidades distintas de protoplasmas cercado por uma membrana celular.” (PRESCOTT, 2008, p. 46.) Nos exemplos 1 e 2, temos a estrutura “célula nervosa” que, nas Ciências da Natureza, remete ao Sistema Nervoso, característico dos animais. Uma vez que os animais são seres vivos, os exemplos 1 e 2 estão de acordo com a definição de Prescott. Quando ao exemplo 3, a estrutura “célula sintética” igualmente remete à área. Uma célula sintética é:

É uma célula cujo DNA foi removido e substituído por outro, criado em laboratório. Em outras palavras, é uma célula programada. O DNA é uma cadeia formada por quatro tipos de moléculas, chamadas nucleotídeos, agrupadas em conjuntos chamados genes. Como a sequência desses genes determina as funções biológicas da célula (produção de proteínas, respiração e locomoção), os cientistas podem controlar uma célula adicionando e removendo genes específicos de cada ação (LAZARETTI, 2011)

A definição de “célula sintética” coaduna com o que diz o dicionário de Prescott, à media que está diretamente relacionada a funções biológicas, mesmo que resulte de produto criado pelo próprio organismo. Da mesma forma, “superfície da célula”, em 4, “interior da célula”, em 5 e 8, e “núcleo da célula”, em 9, remetem à unidade célula, apenas especificando partes específicas dessa unidade dos seres vivos. Assim, não há dúvidas de que “célula”, “célula nervosa” e “célula sintética” são termos da biologia e que “superfície da célula”, “interior da célula” e “núcleo da célula” são compostos linguísticos em que o termo da biologia ocorre.

b) Ocorrências com a unidade lexical “império”:

Figura 5 - Concordanciador *AntConc* para a unidade lexical “império”

1	um pagode um bar, Em Madureira. Império e Portela também são de lá,
2	empregos. Constituição Política do Império do Brasil (1824). Disponível
3	em: História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade na
4	Brasil. In: SILVA, M.N. (coord.) O Império luso-brasileiro, 1750-1822.
5	ALADO, P. P. Política e colonização no Império. Porto Alegre: EdUFRGS, 1991.
6	Discurso dirigido ao parlamentar do Império refere-se às mudanças então
7	em andamento. Conhecer as fragilidades do Império. B. escrava dos espanhóis, c
8	entendendo os interesses políticos do Império asteca. E maldição dos asteca
9	que não tem estilo. Sonham com o império da MPB de Chico Buarque e

Fonte: Próprio autor (2018)

Sobre “império”, Magalhães (2013, p. 79) diz que:

O conceito de império tem as suas raízes no latim imperium. O termo designava, na Roma Antiga, o poder público do rei, numa primeira fase, e dos magistrados, durante a República, que lhes permitia exigir a obediência dos cidadãos. Na medida em que se identificava, sobretudo, com o poder de comandar exércitos, aplicava-se com maior relevância em tempos de guerra.

Império está, portanto, ligado a uma forma de poder político relacionado à monarquia, sentido diferente do que se verifica no exemplo 1. As unidades lexicais “pagode”, “Madureira” e “Portela” sinalizam que “Império” é, nesse caso, o nome de uma escola de samba do Rio de Janeiro, o que obviamente destoa do sentido levantado por Magalhães.

Os exemplos de 2 a 8, porém, estão de acordo com o sentido político do termo. Há, nos exemplos, pistas lexicais que comprovam isso. O composto “Constituição Política do Império” (exemplo 2) já traz a palavra “política”, capaz de ratificar o sentido histórico do termo. No exemplo 3, ainda que não esteja morfológicamente ligada ao termo “império”, a palavra “corte” – que remete ao

conjunto de pessoas, especialmente as da nobreza, que frequentam a moradia de um imperador, soberano – comprova a acepção histórica do termo “império”. Nesse mesmo sentido, os exemplos 4, 5, 6 e 7 também apresentam pistas lexicais capazes de comprovar a conceituação de Magalhães. No exemplo 4, “Império luso-brasileiro” remete ao poderio monárquico de Portugal e Brasil entre nos também citados anos de 1750 e 1822. No exemplo 5, “política e colonização” são termos que frequentam o campo semântico de “império”, que era uma forma de poder político em que a colonização era prática constante. No exemplo 6, em “parlamentar do Império” há o termo “parlamentar”, figura política que atuava no sistema imperial. Já o exemplo 7, “escrava dos espanhóis” faz uma clara menção a uma das práticas de colonização, que consistia em escravizar povos colonizados. Quanto ao exemplo 8, “interesses políticos” reiteram a ideia contida no termo “império”, além do qualificador “asteca”, que delimita o império citado no exemplo. Em uma acepção metafórica, o exemplo 9 trata “império” também como algo de domínio de um rei. No exemplo, Chico Buarque ocupa o lugar desse rei, também metafórico.

Com exceção dos exemplos 1 e 9 que remontam mais ao contexto de produção e circulação dos itens de Artes e Literatura, os demais exemplos trazem evidências lexicais de que comprovam se tratar de itens de História.

c) Ocorrências com a unidade lexical “molécula”:

Figura 6 - Concordanciador *AntConc* para a unidade lexical “molécula”

1	ligações simples e duplas em uma molécula. Outra propriedade das m
2	ais adequada para funcionar como molécula ativa de protetores solares
3	ula humana, há várias cópias dessa molécula. B do cromossomo X, pois
4	que Watson e Crick descreveram a molécula de DNA, eles sugeriram ur
5	geriram um modelo de como essa molécula deveria se replicar. Em 19
6	2002. Considerando a estrutura da molécula de DNA e a posição das p
7	stahl a respeito da replicação dessa molécula levaram à conclusão de q
8	as para uma determinada região, a molécula que deve estar presente e
9	mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécul

Fonte: Próprio autor (2018)

De acordo com Prescott (2008, p. 36), uma molécula é:

Uma unidade fundamental de um composto químico. Consiste em um grupo de átomos que estão em proporções fixas e que são mantidos unidos por ligações químicas. Todas as moléculas são representadas por uma fórmula química. Muitas contêm átomos de mais de um elemento químico e são chamadas de compostos químicos.

No exemplo 1, a composição lexical “ligações simples” e “ligações duplas” reforçam a propriedade química da “molécula”, contribuindo para confirmar que “molécula” é um termo da química, conforme a definição de Prescott. No exemplo 2, “protetores solares” é um composto químico, também citado na definição de Prescott. Se a molécula é uma unidade de compostos químicos, novamente há a reiteração de que “molécula” é um termo da química. Os compostos lexicais “molécula de DNA” (exemplo 4) e “estrutura da molécula de DNA” (exemplo 6)

também comprovam que “molécula” é um termo. Esta definição de Prescott reitera essa comprovação:

DNA (Abreviação, em inglês, para ácido desoxirribonucleico) Ácido nucleico presente nas células, que contém informações genéticas e direciona todas as suas atividades. É uma grande molécula orgânica com duas tiras torcidas em forma de escada em espiral (dupla hélice). Cada nucleotídeo é composto de uma molécula de açúcar (desoxirribose), uma base – adenina (A), timina (T), guanina (G) ou citosina (C) – e um fosfato (PRESCOTT, 2008, p. 144)

Em outras palavras, o DNA é uma molécula, formada por diferentes elementos químicos. No exemplo 5, é tratada da “replicação de moléculas”, um fenômeno conhecido na área de Ciências da Natureza:

O DNA é uma molécula de importância incontestável para a vida na Terra, mas a molécula em si não tem vida. As moléculas de DNA se replicam, mas não metabolizam nada e não são autopoéticas. A replicação não é, nem de longe, uma característica tão fundamental da vida quanto a autopoese. (MARGULIS; SAGAN, 2008, p. 37)

Quando ao exemplo 9, trata-se de um uso literário do termo “molécula”, no clássico “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector:

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (LISPECTOR, 1988, p. 9).

Ainda que o significado pretendido na obra seja equivalente ao dado pela química ao termo “molécula”, o uso aqui é artístico, o que permite afirmar que, em 9, não temos um exemplo de item da química (ou das Ciências da Natureza). Isso comprova o caráter dinâmico das terminologias, que são capazes de integrar usos de diferentes áreas, ainda que mantenham o sentido da área de onde essas terminologias emanam.

d) Ocorrências com a unidade lexical “município”:

Figura 7 - Concordanciador *AntConc* para a unidade lexical “município”

1	C 20 D 24 E 36	Questão 176	Certo município brasileiro cobra a conta d
2			da produção familiar de tomate no município de São José de Ubá (RJ). I
3			na rodovia para dar acesso a outro município. Para isso, foi aberta uma
4			idade de imigrantes daquele país no município de Brasileira (AC). Segund
5	O 143	A Secretaria de Saúde de um	município avalia um programa que
6	58 300 58 301 a 103 200	limite de	município Itabirito Nota: O saldo c
7		ogado na estrada vicinal	que liga o município de Rio Claro ao distrito de
8		viral, o secretário de saúde de um	município comprou 16 galões de ál
9		pientes para 10 escolas públicas do	município. O fornecedor dispõe à ve

Fonte: Próprio autor (2018)

De acordo com Terezo (2008, p. 112), município é uma “unidade política e administrativa de um Estado, governada por um prefeito e por uma Câmara de vereadores”. Em todos os exemplos, esse sentido se verifica. Em 1, o

qualificador “brasileiro” localiza o município. Em 2, 4, 6 e 7, ocorrem o nome do município (Topônimo): São José de Ubá, em 2; Brasileia, em 4; Itabirito, em 6 e Rio Claro, em 7. Em 3, a palavra “rodovia” confirma o caráter de pertencimento de “município” à área de Geografia. São as rodovias que ligam esses espaços geográficos.

A BR-116 é a principal rodovia brasileira, sendo também a maior rodovia totalmente pavimentada do país. [...]. **A rodovia passa por dez estados, ligando cidades** importantes como Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza. (Disponível em: <<https://goo.gl/QvXZXT>>. Acesso em 18 ago 2018.)

Dentro das subunidades administrativas de um município está a “Secretaria de Saúde”, composto lexical que ocorre no exemplo 5. Essa secretaria é gerida pelo “secretário de saúde”, composto que ocorre no exemplo 8.

A Secretaria Municipal de Saúde é o órgão de assessoramento ao Prefeito na formulação e execução das ações relacionadas com a saúde no Município, compatibilizadas com o Sistema Único de Saúde. (Disponível em: <<https://goo.gl/Pm2hKJ>>. Acesso em 18 ago 2018.)

Assim, tanto “Secretaria de Saúde” quanto “secretário de saúde” servem para confirmar “município” como termo da área de Geografia. Na próxima seção, são apresentadas estruturas linguísticas que destoam dos dois grupos já apresentados. Elas não pertencem à “língua comum”, tampouco estão vinculadas a uma especialidade escolar. São as chamadas “estruturas linguísticas de gênero”.

Estruturas linguísticas de gênero: léxico do item

O objetivo desta seção não é apontar todas as estruturas linguísticas típicas do gênero item, mas algumas delas, com o intuito de comprovar a existência dessa categoria lexical. Para comprovar que as estruturas que são apresentadas nesta seção pertencem a essa categoria “especial” do léxico, é necessário observar que elas a) não são comuns ao “léxico geral da língua”, ou seja, sua circulação não se dá livremente em qualquer texto, de qualquer área ou assunto e b) não se vinculam com nenhum conceito das áreas de especialidade escolar (objeto de avaliação no Enem).

Isso posto, são arrolados exemplos de ocorrência das estruturas “alternativa”, “assinale a opção correta”, “questão”, “abaixo”, “fragmento”, “considere”, “seguientes afirmações”, a seguir” e “texto II”.

a) Ocorrências com a estrutura lexical “alternativa”:

“Alternativa” é uma unidade lexical que, no contexto de produção do item, refere-se a uma de suas partes constituintes. “Alternativa” ou “Alternativa de resposta” é cada uma das opções de que o avaliando dispõe para analisar, julgar, decidir, para atender àquilo que é solicitado no comando do item. Na Figura 8, há 15 ocorrências de “alternativa”:

Figura 8 - Concordanciador *AntConc* para a estrutura linguística “alternativa”

1	a à questão seguinte, assinalando a alternativa correta: 40 Provavelmente
2	a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de me
3	tivo de produtos de uso rotineiro. A alternativa que associa corretament
4	posto. Você só deve assinalar UMA ALTERNATIVA PARA CADA QUESTÃO
5	STÃO: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, MESMC
6	uma das várias formas de energia alternativa de que se dispõe. O aque
7	posto. Você só deve assinalar UMA ALTERNATIVA PARA CADA QUESTÃO
8	STÃO: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, MESMC
9	dem transmitir um ensinamento. A alternativa em que os dois provérbio
10	ir ao romantismo está transcrita na alternativa: (A) ... o autor sobredou
11	posto. Você só deve assinalar UMA ALTERNATIVA PARA CADA QUESTÃO
12	STÃO: a marcação em mais de uma alternativa anula a questão, MESMC
13	Qual socialismo? Discussão de uma alternativa. Rio de Janeiro: Paz e Ter
14	ições são obtidas estão corretos na alternativa: (A) Pequim (20:00 hora
15	ando os dados da tabela, assinale a alternativa que representa um argu

Fonte: Próprio autor (2018)

Apenas no exemplo 6, a palavra “alternativa” não remete às opções de resposta do item. Nesse caso, “energia alternativa” remete ao conceito de energia, ou seja, capacidade de realização de um trabalho. Aqui, “alternativa” é um caracterizador, capaz de atribuir à energia a propriedade de ser obtida por meio de fontes renováveis, sem gerar impacto negativo no meio ambiente. Em se tratando de “energia alternativa”, termo da área de Ciências da Natureza, possivelmente o exemplo 6 se refere a um item de física ou química. Nos demais casos, “alternativa” tem a clara função de apontar um elemento constituinte do item. Há, nesse componente lexical, a propriedade de denominar uma parte do texto item. Com exceção do exemplo 10, em que aparece a palavra “romantismo” (termo usado na Literatura), nos demais casos não há marcas lexicais capazes de indicar a qual área de conhecimento o item pertence.

b) Ocorrências com a estrutura lexical “assinale a opção correta”:

“Assinale a opção correta” é uma estrutura linguística fraseológica de grande circulação no contexto de produção do item. Trata-se de uma parte constituinte do comando. Geralmente vem acompanhada de informações adicionais, do tipo: “Considerando informações de determinada natureza, assinale a opção correta”.

Nos exemplos da Figura 9, há pistas contextuais capazes de indicar a que área avaliada o item se refere. Em 1, “pressão atmosférica” remete ao repertório de temas das Ciências da Natureza. Em 3, 6 e 7, “história republicana brasileira”, “escravatura no Brasil” e “Revolução Francesa” relacionam-se a temas próprios das Ciências Humanas (história). Em 4 e 11, “per capita” e “geográficos” também remetem a noções das Ciências Humanas (geografia). Já em 10, “Arcadismo brasileiro” está relacionado a um tema da área de Linguagens (literatura). Quanto aos exemplos 2, 5, 8 e 9, não há elementos suficientes para permitir inferências quanto às áreas. Como se vê, “assinale a opção correta” não é uma estrutura exclusiva ou preferencial desta ou daquela área, mas ocorre com certa

autonomia em itens de quaisquer áreas do conhecimento escolar. É, portanto, uma estrutura linguística típica dos itens.

Figura 9: Concordanciador *AntConc* para a estrutura linguística “assinale a opção correta”

1	por se iguala à pressão atmosférica. Assinale a opção correta, considerar
2	9 Considerando o esquema acima, assinale a opção correta. A Quand
3	as à história republicana brasileira, assinale a opção correta. A Ao térm
4	O2 per capita indicadas no gráfico, assinale a opção correta. A O índic
5	es). Com base nessas informações, assinale a opção correta a respeito
6	e abolição da escravatura no Brasil, assinale a opção correta. A O proc
7	dos EUA e da Revolução Francesa, assinale a opção correta. A A inde
8	e outubro. A partir do texto acima, assinale a opção correta. A A primei
9	l.br> (com adaptações). Questão 2 Assinale a opção correta a respeito
10	stitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da r
11	rico e geográfico por elas evocado, assinale a opção correta acerca do p

Fonte: Próprio autor (2018)

c) Ocorrências com a estrutura lexical “questão”:

O Enem, via de regra, toma “questão” como sinônimo de “item”. De fato, “questão” é um termo mais popularmente conhecido e, em seu contexto de uso, é mais comunicativo ao grande público que se submete ao Enem, formado principalmente por estudantes concluintes do Ensino Médio. O Guia de Elaboração e Revisão de Itens do INEP chega a afirmar que “Nos testes educacionais, item pode ser considerado sinônimo de questão, termo mais popular e utilizado com frequência nas escolas” (p. 7). Nos exemplos a seguir, há alguns indícios contextuais das áreas avaliadas:

Figura 10 - Concordanciador *AntConc* para a estrutura linguística “questão”

1	do da representada na figura da questão anterior, é da ordem de
2	s colocações acima, responda à questão seguinte, assinalando a
3	se concluir que o automóvel em questão não utiliza o álcool com
4	A sociedade do lixo: resíduos, a questão energética e a crise am
5	to vanádio na água mineral em questão I. No seu percurso até
6	UMA ALTERNATIVA PARA CADA QUESTÃO: a marcação em mais
7	mais de uma alternativa anula a questão, MESMO QUE UMA DA:
8	porque, para o primeiro texto, a questão central é a integração r
9	UMA ALTERNATIVA PARA CADA QUESTÃO: a marcação em mais
10	mais de uma alternativa anula a questão, MESMO QUE UMA DA:

Fonte: Próprio autor (2018)

Em 3, “automóvel” e “álcool”, remetem a ideias de utilização de energia, tema caro à física. Ainda sobre energia, essa noção está contida em 4. Quanto ao exemplo 5, “água mineral” aponta para tema de interesse das Ciências Naturais. Os demais exemplos não apresentam nenhuma marca lexical sobre a área a qual o item está relacionado, o que novamente serve para comprovar a ideia de que “questão” é uma estrutura típica do gênero estudado.

d) Ocorrências com a estrutura lexical “abaixo”:

A estrutura “abaixo” ocorre em casos semelhantes a estes:

Figura 11 - Concordanciador *AntConc* para a estrutura linguística “abaixo”

1	junto com eles. 12 No gráfico	abaixo. (Francisco Caruso & Lu
2	ve a situação descrita na tirinha	abaixo mostra como a quantida
3	nportantes das células. A tabela	abaixo fossem utilizados diarian
4	parelhos que constam da tabela	abaixo. Espécie I Espécie II Espé
5	Os resultados são apresentados	abaixo. Um prêmio foi sorteado
6	le filhos, é mostrada no gráfico	abaixo. Mapa de distribuição de
7	no podemos observar no mapa	abaixo, estaria mais de acordo c
8	cos, qual das obras de Magritte,	abaixo estão representadas as p
9	uas áreas urbanas. Nos gráficos	abaixo, realizada com os jogado
10	agina, como mostra a pesquisa	abaixo exemplifica essa afirmaçã
11	ia com mármore. O fragmento	abaixo foi extraído de matéria p

Fonte: Próprio autor (2018)

Com evidente função de proporcionar a localização de informações, a estrutura é utilizada com o propósito de indicar ao avaliando onde encontrar informações necessárias à resolução do item. Em algumas ocorrências, há pistas contextuais da área relacionada ao item, mas, a propósito do que ocorreu com as outras estruturas analisadas, essa é uma estrutura que “passeia” livremente entre as áreas avaliadas. As estruturas “gráfico abaixo”, “tirinha abaixo”, “tabela abaixo” “resultados [...] abaixo”, “mapa abaixo”, “obras [...] abaixo”, “pesquisa abaixo” e “fragmento abaixo” fazem clara referência ao texto de suporte, ou seja, “abaixo”, nesses contextos, orientam o olhar analítico do avaliando para uma parte constituinte do gênero item.

e) Ocorrências com a estrutura lexical “fragmento”:

A estrutura “fragmento”, no contexto de produção de itens, ocorre para designar dois processos. Primeiro, para fazer referência a partes de textos utilizados como suporte, ou seja, trechos de outros autores. Também é usada nas referências bibliográficas dos textos de suporte, quando é necessário informar essa condição:

Figura 12 - Concordanciador *AntConc* para a estrutura linguística “fragmento”

1	!lângelo fazia com mármore. O fragmento	abaixo exemplifica es
2	o: Record, 1997, p. 13-14. Esse fragmento	poético ilustra o segu
3	o de Janeiro: Record, 2003. No fragmento	transcrito, o padrão f
4	São Paulo: Ática, 1998, p. 32-3 (fragmento).	O fragmento acima
5	i, 1998, p. 32-3 (fragmento). O fragmento	acima, em que há ref
6	ando a definição apresentada, o fragmento	poético da obra Can
7	org.br. Acesso em: 02 set.2010 (fragmento).	O futuro do trabalh
8	o.com. Acesso em: 02 set. 2010 (fragmento).	INSTRUÇÕES:Se
9	org.br. Acesso em: 02 set.2010 (fragmento).	O futuro do trabalh
10	o.com. Acesso em: 02 set. 2010 (fragmento).	INSTRUÇÕES:Se

Fonte: Próprio autor (2018)

Nos exemplos 1, 2, 3, 5 e 6, “fragmento” ocorre como termo equivalente a “texto de suporte”. Em 1, “Michaelângelo fazia com mármore” é um indício de item de arte (Linguagens). Em 2 e em 6, “poético” cumpre essa função, indicando a literatura como possível área de avaliação do item. Nos demais casos, não fica evidenciado o tema nem a área de avaliação. Nos demais casos, em que “fragmento” ocorre entre parênteses, há exemplos claros do uso em referências bibliográficas. Assim, “fragmento” em 1, 2, 3, 5 e 6, remete a uma parte do item, ao passo que em 4, 7, 8, 9 e 10, “fragmento” se refere a uma condição (característica) do texto de suporte utilizado.

f) Ocorrências com a estrutura lexical “considere”:

Verbos no imperativo, no domínio do “saber-agir”, são indicativos de como proceder no item.

Figura 12 - Concordanciador *AntConc* para a estrutura linguística “considere”

1	sformações de energia. Considere duas delas: I. cinética em elé
2	ção de certos materiais. Considere as seguintes obras: I. monurr
3	do ions Ca ²⁺ no solo. Considere as seguintes equações: I. CaO
4) II e IV (E) III e IV 10 Considere os textos abaixo. (...) de modo
5	gar e assim por diante. Considere o sistema de eleição no qual c
6	um gás carbônico Considere as afirmações abaixo. I A fe
7	ase as sentenças acima, considere as afirmações: I A diferença
8	ens e desvantagens. Considere as seguintes vantagens de mé
9	equilíbrios ambientais. Considere o gráfico abaixo, no qual no i
10	m os dados do gráfico, considere as variáveis: I. Potência do ec
11	sono. 35 35353535 Considere os seguintes acontecimentos c
12	(D) 35%. (E) 50%. 39 Considere o papel da técnica no desenvc

Fonte: Próprio autor (2018)

Há pistas contextuais sobre as áreas de avaliação em muitos dos exemplos, como em 1, 3, 6, 9, em que “energia”, “Ca²⁺”, “gás carbônico” e “equilíbrios ambientais”, respectivamente, remetem à área de Ciências da Natureza. Nos demais casos, não há nenhuma pista. Verbos do “saber-agir” são típicos do gênero item, e podem ser categorizados como estrutura linguística desse gênero.

Considerações finais

Conforme mostrado neste texto, o item, gênero avaliativo por excelência, é constituído por três classes lexicais. No que diz respeito à primeira classe, léxico da língua comum, é aquela cujo domínio se faz independente da formação do docente. Em qualquer texto, de qualquer área, essas unidades lexicais estarão presentes. Quanto à segunda categoria, do léxico de especialidade, diz respeito às diferentes áreas nas quais os docentes se formam. Já a terceira, formada pelas estruturas linguísticas de gênero, estão relacionadas à composição estrutural do gênero.

Aliadas ao conhecimento técnico que perpassa na constituição do item – produto educacional altamente utilizado em tempos de avaliação externa, como o Enem – está o conhecimento sobre as estruturas linguísticas de gênero. Não adianta reiterar o discurso da lamentação de que as licenciaturas pouco ou nada se ocupam no tratamento do item em suas disciplinas. Cabe, pois, aos professores buscarem meios de conhecer os padrões técnicos do gênero, o que inclui sua constituição lexical. Desse modo, as práticas avaliativas internas à escola estarão mais alinhadas aos propósitos ideológicos de preparação para os exames tal qual o Enem.

Referências

- ALENCAR, José de. **Senhora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- ANASTASI, A. (1908) **Testes psicológicos**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1975.
- ANDERSON, P. e MORGAN, G. **Developing tests and questionnaires for a National Assessment of Educational Achievement**. Washington: Banco Mundial, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Guia de elaboração e revisão de itens INEP**. Ministério da Educação, 2010.
- CASTRO, C. M. Avaliar não é para amadores. In: SOUZA, A. M. (org.) **Dimensões da avaliação educacional**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 246-258.
- ESQUIROL, J. E. D. **Des maladies mentales considérées sous le rapport médica, hygiénique et médico-legal**. Paris, 1838.
- HOFFMANN, L. (1988). Do texto especializado ao gênero textual especializado. In: FINATTO, M. J. e ZILIO, L. **Textos e termos por Lothar Hoffmann: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas**. Porto Alegre: Fapergs, 2015. pp. 107-122.
- KILIAN, C. e LOGUERCIO, S. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. In. **TradTerm**, São Paulo, v. 26, Dezembro/2015, pp. 241-267.
- LAZARETTI. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/YKq3d3>> Acesso em 15 ago. 2018.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- MAGALHÃES, Pedro T. **Império**: notas sobre o alcance de um conceito. Revista Relações Internacionais. Setembro de 2013. n. 39. pp.79-89.
- MARGULIS, Lynn e SAGAN, Dorion. *O que é vida?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- MORETTO, V. P. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9.ed. São Paulo: Lamparina, 2014.

PILETTI, C. e PILETTI, N. **História da educação**: de Confúcio a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2012.

PRESCOTT, Chris. **Dicionário Oxford de Ciências da Natureza**. São Paulo: Oxford University Press Brasil, 2008.

TEREZO, Cláudio Ferreira. **Novo dicionário de geografia**. 2.ed. São Paulo: Livro pronto, 2008.

TUTIN, A. Autour du lexique et de la phraséologie des écrits scientifiques. **Revue française de linguistique appliquée** 2, v. XII, pp. 5-14, 2007.

WÜSTER, E. (1930) **Internationale Sprachnormung der Technik, besonders in der Elektrotechnik**. 3. Aufl, Bonn: 1970.

Submetido em 03/09/2018.

Aceito em 20/05/2019.

